

O triunfo da Acção: projectar a “reconquista cristã”

Maria do Carmo Piçarra

ICNOVA-FCSH / UAL

E-mail: carmoramos@gmail.com

Resumo

A instrumentalização do cinema pelo Estado Novo foi feita pelo SPN/SNI e, embora não tenha sido imediata, teve grande impacto na produção cinematográfica da época. Além da produção documental e de actualidades filmadas de propaganda, houve investimento em ficção nacionalista e/ou de propaganda explícita do regime autoritário, que António Ferro relevou ao fazer o balanço da acção do secretariado com que projectou a “política do espírito” que arquitectou. Esta produção cinematográfica de propaganda foi apresentada através do Cinema do Povo, rebaptizado posteriormente como Cinema Ambulante do secretariado. Nesse contexto, qual a importância e de que modo é exemplar a produção, pelo

SPN, de *A Manifestação da Acção Católica em Braga*? Este artigo apresenta uma panorâmica da produção estatal de propaganda para analisar o modo como Braga foi filmada, em meados da década de 30, pelo cinema de propaganda. Detalha, através da análise fílmica, como a festa da Acção Católica, aí celebrada quando *A revolução de Maio* estreou, internalizou o espírito da época, mimetizando, à escala do país e com as limitações impostas pela falta de investimento e meios cinematográficos, o modelo de ordem alemão, correspondendo a uma paramilitarização dos comportamentos dos crentes, incitados à “reconquista cristã” pela Acção Católica.

Palavras-chave: cinema de propaganda; SPN/SNI; acção católica; Salazar Diniz; *A revolução de Maio*; António Ferro.

Abstract

The instrumentalization of cinema by the Estado Novo regime was carried out by SPN/SNI and had a great impact on Portuguese cinematographic production. In addition to the pro-

pagandistic newsreels and documentary production, there was an investment in nationalist and explicit propaganda fiction feature films by the authoritarian regime. António Ferro

Data de submissão: 2020-10-23. Data de aprovação: 2021-02-10.

Revista Estudos em Comunicação é financiada por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto *LabCom – Comunicação e Artes*, UIDB/00661/2020.



emphasized this investment when taking stock of the action of the secretariat, with which he projected the “policy of the Spirit” conceived by him. The state cinema production was presented to rural audiences through the Mobile Cinema of the propaganda secretariat. In this context, how was the SPN’s production of *A Manifestação da Acção Católica em Braga* [The Manifestation of Catholic Action in Braga] exemplar? This article presents an overview of state propaganda production to analyze how Braga was filmed in the mid-

1930s by propaganda films. Through film analysis, it details how the Catholic Action celebration in Braga, organized when The May Revolution debuted, internalized the spirit of the time. On the small country scale and with the limitations imposed by the lack of investment and cinematographic means, the youth celebration held in Braga mimicked the German order model. It corresponded to a militarization of the behaviour of believers, incited to a “Christian reconquest” movement by Catholic Action.

Keywords: propaganda films; SPN/SNI; acção católica; Salazar Diniz; *A revolução de Maio*; António Ferro.

QUANDO, em 25 de Setembro de 1933, o Estado Novo criou o Secretariado da Propaganda Nacional (SPN)¹ e Salazar assumiu este organismo como um “instrumento de governo” a consciência da importância do cinema impôs-se logo através do director, António Ferro.

Não obstante a fragilidade do circuito de produção de filmes em Portugal e do novo regime não dispor de um orçamento significativo para o cinema – Salazar não lhe reconhecia a importância dada por outros ditadores. Ferro “queixou-se”, ao *Cine-jornal* nº 6, de final de Novembro de 1935, de, nesse ano, ter tido apenas 1500 contos de orçamento para todo o SPN quando uma longa-metragem custava 1000 –, foi significativo o investimento em documentários de propaganda estatal. Intensificou-se muito em 1936, o décimo aniversário da revolução que impôs a ditadura, e começou a diminuir a partir do início da Guerra Civil espanhola para atingir novo mínimo antes da Segunda Guerra Mundial. Tal poder-se-á ter devido à rarefacção da película, que implicou a organização da produção de actualidades através do lançamento, em 1938, da revista mensal *Jornal português*, e ao acréscimo da produção de longas-metragens de ficção, quer de produção estatal, quer privada.

Em 1948, ao fazer o balanço da propaganda cinematográfica do Estado Novo, documentado em *Catorze anos de Política do Espírito – Apontamentos para uma exposição*, Ferro sublinha que a produção de setenta documentários, o patrocínio de duas longas-metragens de ficção propagandista e de outras duas nacionalistas – quatro dos quarenta filmes de longa-metragem produzidos até 1946 –, além da produção da revista mensal de actualidades cinematográficas *Jornal português* e a criação do Cinema do Povo atestam que foi dada importância ao cinema.

1. Transfigurado em Secretariado Nacional da Informação em 1944.

1936 – Intensificação da propaganda cinematográfica e combate anti-comunista

Não foi sem esforço que Ferro obteve financiamento para intensificar o uso propagandista do cinema. Se, após a criação do SPN, o início da instrumentalização do cinema pela propaganda foi tímido, incremental, a comemoração do décimo aniversário da ditadura, em 1936, motivou a primeira acção concertada para tal, sendo o próprio Ferro a organizar a sua implementação. Para isso, e após conversas com os realizadores portugueses mais prestigiados, entre os quais Leitão de Barros, Chianca de Garcia, Brum do Canto e o então menos reconhecido António Lopes Ribeiro – que, como realizador, só filmara *Gado bravo* mas, face ao desinteresse dos outros cineastas em realizar as obras de propaganda directa ao regime, se perfilou para assumir essa tarefa –, apresentou a Salazar um primeiro plano de propaganda cinematográfica, de modo a conseguir fundos para o financiar. O plano contemplou a realização de várias curtas-metragens, mudas e sonoras, sobre as obras do regime em curso, sobretudo ao nível das infraestruturas

Além do plano, um documento, não datado mas que é provavelmente do final de 1935, orçamenta em 1000 contos as “Despesas prováveis a realizar com as manifestações de cinematografia”. Cerca de três quartos do total é atribuído à realização de um “filme de grande propaganda”, *A revolução de Maio* (1937).²

Despesas prováveis a realizar com as manifestações de cinematografia

Filme de grande propaganda		700 contos
Actualidades	Éclair	84 contos
	UFA	30 contos
	Fox	24 contos
Filmagem de acontecimentos políticos		24 contos
Manutenção da filмотeca		3 contos
Despesa com o envio de filmes provincia		2 contos e meio
Aquisição filmes feitos por terceiros		30 contos
Pessoal		27 contos 600 escudos
Arquivo fotográfico		36.900\$
Realização em Portugal das actualidades		20 contos
Sessões de cinema popular		18 contos

O documento revela que se contemplou uma rubrica para financiar a inclusão de actualidades portuguesas em séries de actualidades cinematográficas internacionais prestigiadas: *Éclair*, *UFA* e *Fox*. O montante avultado – 138 contos – denota a preocupação de Ferro em projectar internacionalmente Portugal e o regime político.

A despesa maior, de 700 contos, esteve afecta à realização de *A revolução de Maio*, que absorveu 70% do orçamento. Note-se o custo da filmagem de acontecimentos políticos – 24 contos – e a realização de actualidades – 20 contos. Estava-se na

2. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Fundo SNI, Caixa 888.

fase em que o SPN era ele próprio produtor de filmes de propaganda, contratando para o efeito os directores de fotografia e operadores mais reputados. O montante avultado a pagar às actualidades internacionais era para conseguir a inclusão de notícias; o Secretariado tinha que contratar localmente a sua realização. Ao *Cine-jornal*, Ferro revelou que era “necessário especializar alguns dos nossos raros operadores neste difícil género de cinema” (1935, p. 6). Para ele, a difusão de actualidades portuguesas em jornais internacionais do género era uma “vitória incontestável. Suprime-se assim essa vergonha humilhante que constatamos quando vamos ao animatógrafo: Portugal é ignorado” (1935, p. 6).

A partir de Dezembro de 1936, e na sequência do começo da guerra civil em Espanha, o Cinema Ambulante do SPN percorreu as aldeias e vilas de Portugal para combater o comunismo, promover o corporativismo e as Casas do Povo. A sua criação correspondeu ao alargamento ao país da experiência do Cinema do Povo, lançado em Lisboa. Esta primeira iniciativa surgiu em 1935 para projectar filmes de propaganda em sindicatos, quartéis, escolas e bairros populares. No Verão, encheu de gente as maiores praças da capital.

Ao camião que iniciou a itinerância em 1936, e que a partir de 1937 praticamente não folgou, juntou-se outro no ano seguinte. Percorriam as estradas mais difíceis para chegar aos locais mais distantes, onde eram aguardados com expectativa por homens, mulheres e crianças, que, nas décadas de trinta e quarenta, nunca tinham assistido a uma projecção de cinema ou ao cinema sonoro, então novidade.

A revolução de Maio, filme de propaganda assumida do regime, que ficciona a adesão de César Valente, comunista, à mística criada em torno de Salazar e à obra do Estado Novo, foi a longa-metragem de conversão privilegiada pelo Cinema Ambulante. Mostrada centenas de vezes, explicada nas sessões de doutrinação que antecediam a apresentação e eram feitas pelos chefes da recém-criada Legião Portuguesa, pelos dirigentes da União Nacional, professores, padres ou responsáveis pelas então também novas Casas do Povo, projectou, no país rural e analfabeto, a imagem que Ferro concebeu do Estado Novo. De tal modo que, quando, a 6 de Junho de 1937, estreou no Tivoli de Lisboa, numa sessão solenizada pela presença de Salazar, já o filme fôra mostrado, dezenas de vezes, em sítios recônditos, onde não chegava a electricidade, mas onde, por caminhos difíceis, chegava o Cinema do SPN.

Nesse mesmo dia, em Braga, realizou-se o “Dia das Juventudes Católicas”. Nela participaram cerca de 12 mil jovens, de várias idades e origens sociais. Faziam parte do público que o Cinema do Povo visava doutrinar, através da programação de filmes de propaganda. Porém, talvez alguns deles tivessem figurado também nas filmagens de *A revolução de Maio* em que Braga teve protagonismo no discurso aí feito por Salazar em 28 de Maio de 1936.

Braga e o cinema de propaganda

Braga já tivera as Festas do Trabalho de 1934 fixadas na curta-metragem de propaganda, muda, *Festa nacional operária em Braga*, também creditada como *Braga – A festa do trabalho nacional*. A filmagem foi feita por iniciativa do Governo Civil que, a 7 de Novembro, entregou ao SPN um filme da comemoração do 1º de Maio, pedindo que se tirem cópias “e se consiga a sua inclusão nos programas de uma das casas do género, ficando a propriedade desse filme pertencendo a esse Secretariado”.

Na Primavera de 1936, antes do começo da itinerância do Cinema do Povo, o SPN organizou a primeira sessão de apresentação de filmes, no Theatro-Circo, de uma série “dedicada aos operários e estudantes”. Tal esteve muito provavelmente articulado com as comemorações, em Maio, do décimo aniversário da revolução militar, e a necessidade de potenciar a propaganda do Estado Novo e instigar a participação popular.

Segundo o *Diário da Manhã* de 25 de Março, o Theatro-Circo estava repleto de filiados nos vários sindicatos de Braga, aos quais falou o presidente do Sindicato Nacional dos Empregados no Comércio, Miguel Martins Cerqueira. Mostraram-se quatro filmes “que agradaram imenso”. “No intervalo, o académico Sr. Videira Pires enalteceu a obra da Situação [sic], focando, como seu principal construtor, o Dr. Oliveira Salazar”. No início de Abril, fez-se nova sessão, para os sócios dos sindicatos nacionais, que incluiu uma palestra pelo presidente do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários, Fernando Ferreira. Estas sessões são excepções na programação do Cinema do SPN, até então totalmente concentrada em Lisboa. Note-se que, em Setembro de 1935, na sequência do êxito das projecções em Lisboa, várias juntas de freguesia do Porto fizeram pedidos de apresentações do cinema do SPN. Porém, e não obstante um parecer de António Pinto de Andrade, da secção do SPN no Porto, sugerir como tal poderia ser feito, só em 1937 o Porto acolheu sessões de propaganda cinematográfica.

Em 28 de Maio de 1936 todos os caminhos foram ter a Braga. O discurso que Salazar aí proferiu foi central na ficção de propaganda explícita do regime. Era de tal modo importante que, para garantir a qualidade da fotografia de *A revolução de Maio*, e acautelando a filmagem dos exteriores, o subdirector do SPN, António d’Eça de Queiroz, escreveu, a 4 de Fevereiro de 1936, a³A. Sanders, em Berlim, para contratar um director de fotografia alemão. Na intriga do filme, o discurso em Braga é fundamental para a conversão de César Valente. Esperar-se-ia, provavelmente, que tivesse impacto idêntico nos espectadores de cinema mais cépticos quanto à nova ordem política.

Para *A revolução de Maio*, a primeira opção de Lopes Ribeiro e do SPN para a direcção de fotografia foi Albert Benitz, que filmara *O filho pródigo* (1934), obra

3. Não foi possível apurar identidade completa.

sobre a redenção de um herói extraviado que se redime, realizada por Luis Trenker. A carta para Sanders explica que:

O realizador António Lopes Ribeiro gostou muito do seu trabalho como operador de câmara no filme *Der verlorene sohn* e recomendou-o ao Secretariado de Propaganda. O Secretariado quer saber:

- 1) Se o Sr. Benitz pode filmar em Portugal de Março a Maio de 1936;
- 2) Qual é o seu salário;
- 3) Qual é a sua morada actual.

Especificava-se que, no caso de Benitz não poder assinar contrato, o SPN pretendia obter as informações relativamente a Reimar Kuntze, também operador de *O filho pródigo*, e que filmara, para Walter Ruttmann, *Berlim, sinfonia de uma cidade* (1927).

Nenhum dos operadores alemães desejados participou na rodagem e foi uma equipa composta por alguns dos directores de fotografia portugueses mais conceituados da época, Octávio Bobone, Manuel Luís Vieira e Aquilino Mendes, e um judeu alemão fugido do nazismo em 1933, Isy Goldberger⁴, a assegurar as filmagens. Porém, todas as influências que Lopes Ribeiro recolheu em França, Alemanha, URSS e Itália, convergem em *A revolução de Maio*.

Quer *A revolução de Maio* quer o documentário de longa-metragem *Viagem do Chefe de Estado às colónias de Angola e de S. Tomé e Príncipe* (1938), de propaganda explícita e assinados por Lopes Ribeiro, foram influenciados visualmente por *O triunfo da vontade* (1935), de Leni Riefenstahl. Segundo João Bénard da Costa:

Der triumph des willens só uma vez passou em Portugal, no Outono passado na Cinemateca. Antes de 1945, não foi exibido por desinteresse dos exibidores e distribuidores e por relutância da censura que tinha instruções para proibir filmes que puxassem demais para Deus ou para o Diabo, fosse qual fosse a identificação deles com os blocos em guerra latente ou guerra declarada. Depois de 1945, ninguém se atreveu (se se atrevesse, a censura também não deixava). A partir dos anos 60, quando os ânimos estavam mais serenados, não houve ânimo para mandar vir uma cópia. (1994)⁵

Lopes Ribeiro visitara os estúdios de cinema na Alemanha em 1929, meia dúzia de anos antes da estreia do filme de Riefenstahl. O certo é que viu *O triunfo da*

4. Isy Goldberger e o irmão, Willy, trabalharam em filmes de ficção e alguns documentários portugueses antes de se radicarem em Espanha, uma opção comum neste período. É curioso que dois judeus em fuga se tenham instalado na península fazendo filmes para os regimes de Salazar e Franco. Isy Goldberger veio a filmar o segundo e último filme de ficção de propaganda directa do regime, *Feitiço do Império* (1940). Tal como os Goldberger, outro judeu (de origem austríaca), Heinrich Gartner, que também realizou filmes para o SPN, fixou-se em Espanha, onde se naturalizou, prosseguiu actividade como operador de filmes de ficção e dirigiu alguns documentários.

5. Folha de sala durante o ciclo “100 filmes + 78”, organizado pela Cinemateca Portuguesa. O filme foi mostrado pela primeira vez em 28 de Setembro de 1993 e pela segunda vez a 26 de Abril de 1994.

vontade. Terá sido um dos filmes alemães, destinados à Polícia Internacional, de que há um recibo SPN/Presidência do Conselho, datado de 15 de Junho de 1935? No cartão do SPN/Presidência do Conselho lê-se: “Declaro que recebi uma caixa com filmes alemães, destinados à Polícia Internacional”. Não menciona títulos. O filme de propaganda alemão estreou, na Alemanha, a 28 de Março de 1935. A proximidade destas datas a somar à influência do filme sobre o congresso nazi em filmes de propaganda portugueses torna provável que a caixa com filmes alemães incluísse o de Riefenstahl.

Manifestação da Acção Católica em Braga, com fotografia de Salazar Diniz, é uma produção das Actualidades do SPN. Foi uma das últimas produções do Secretariado antes do surgimento da revista mensal de actualidades cinematográficas de propaganda *Jornal português*, que veio organizar a produção deste género. Num contexto em que a produção documental de propaganda tinha poucos apoios, geralmente canalizados para filmes sobre acontecimentos do regime ou militares, o que é que a reunião dos jocistas em Braga teve de extraordinário que determinou a sua filmagem pelo Secretariado?

Close up a A Manifestação da Acção Católica em Braga

Sem os recursos das longa-metragens portuguesas influenciadas pelo registo do congresso do partido nazi, filmado por um único operador, *A Manifestação da Acção Católica em Braga* denota o cuidado de, tanto quanto possível, usar uma linguagem visual idêntica à dos filmes da nova ordem alemã. Embora se trate do registo de um acontecimento religioso, há uma obsessão distópica na disposição de todos os participantes, ordenados nos grupos jocistas a que pertencem, separados por género; na coreografia de todos os movimentos e na recitação de todas as palavras. Apesar da falta de meios óbvia – em nada idêntica à parafernália nacional-socialista –, tanto técnica, para o registo cinematográfico, quanto na decoração das ruas de Braga, há estandartes com símbolos religiosos, há estratificação social da manifestação e dispõe-se a ordem, tão perfeita quanto possível, dos jocistas. A saudação derivada da romana⁶ pontuou regularmente os “Salve” – a palavra de ordem usada, segundo os relatórios dos jornais da época – gritados, ao longo da liturgia coreografada, à ordem de cada chefe de grupo.

Considerado, a par de Manuel Luís Vieira, o melhor director de fotografia português de então, Salazar Diniz – filmou *Maria do Mar*, *A Severa*, *Campinos*, *As pupilas do senhor Reitor*, *Bocage*, *O trevo de quatro folhas*, *Varanda dos rouxinóis*, *Porto de abrigo*, *Ala-arriba!*, e *Ave de Arribação* – foi o primeiro a realizar filmes para o Secretariado. Tal sucede a partir de 1934, com *Visita dos estudantes coloniais*, uma das seis primeiras produções do SPN. Pouco após filmar *A Manifestação da Acção*

6. Idêntica à saudação de Bellamy que, nos EUA, acabou por ser proibida devido às similitudes com a adaptação da saudação romana pelos nazis.

Católica em Braga, as qualidades de Diniz granjearam-lhe um convite para trabalhar em Espanha. No início de 1938 a *Cinéfilo*⁷ refere que “o operador Salazar Diniz foi convidado para operador dos camiões da Fox – Time Filme, em Madrid” e que o convite lhe foi feito por Heinrich Gärtner.

No Fundo SNI, há um ofício de final de Dezembro de 1937, em que o Chefe dos Serviços Internos do SNP pede ao director de fotografia Salazar Diniz a devolução da máquina de filmar Kinamo e o informa que foram autorizados os pagamentos que lhe são devidos. Assim, terá sido com a mais pequena das câmaras de filmar em 35mm disponível então que Diniz filmou *A Manifestação da Acção Católica em Braga*.

Um documento intitulado “Cinematca” – sem data mas posterior a 1939⁸ – faz a listagem dos filmes sonoros e mudos produzidos pelo SNP para exibição nos Cinemas Ambulantes, descrevendo, adicionalmente, o interesse de cada título – entre excepcional, uma classificação apenas atribuída a *A revolução de Maio*; passando por “Muito bom”, como é classificado *A manifestação da Acção Católica em Braga*, a sem interesse – assim como a respectiva metragem e número de cópias existentes.

O SNP produziu 53 filmes mudos até 1940, dos quais apenas oito tinham mais de 300 metros – uma bobina de filme em 35mm equivale mais ou menos a 10 minutos. Continuaram a ser projectados pelos Cinemas Ambulantes sendo a apresentação complementada com música de uma discografia seleccionada.⁹ Predominam os filmes de propaganda política – alguns de carácter anti-comunista – e militar ou paramilitar,

7. *Cinéfilo*, nº 489, 1 de Janeiro de 1938.

8. Actualização de outro – certamente anterior a 1936 e talvez mesmo a 1935. Nesta lista dos títulos existentes na Cinematca do SNP constam apenas três filmes sonoros: *O lançamento do Dão*, Filme Presidente Carmona e *Abertura da Assembleia Nacional*. Existem então 15 filmes mudos, entre os quais *Estradas de Peniche*, *8000 operários alemães em Lisboa*, *1º de Dezembro de 1934* ou *Festas do trabalho em Braga* (1934).

9. Entre os títulos constavam: *Carmona e Salazar – Ídolos do povo e Estradas de Peniche* – considerados “Muito bons” –, *Comemoração da Batalha de Aljubarrota*, *Exercícios finais dos graduados da Legião Portuguesa*, *Visita presidencial ao Porto, Braga e Santo Tirso*, *Lançamento do Douro*, *Assinatura dos contratos de trabalho em Gaia*, *Polícia de Coimbra*, *Festas do trabalho em Braga* (1934), *Festas do trabalho em Guimarães*, *Festas do trabalho em Famalicão*, *Festas do trabalho em Viana do Castelo*, *Homenagem ao abade Baçal*, *As obras da Junta Autónoma das Estradas*, *Visita dos intelectuais estrangeiros*, filme de Espanha (sem título), filme anti-comunista (provavelmente *Comícios em Lisboa, Porto e Coimbra*), *Juramento de Bandeira em Infantaria 1*, *Juramento de Bandeira no Alfeite*, *Juramento de Bandeira em Artilharia 3*, *Homenagem aos mortos da guerra*, *Desfile naval*, *Parada da polícia de Lisboa*, *8000 operários alemães em Lisboa*, *Um passeio em Lisboa e arredores*, *Festa vindimária*, *Pérola do Atlântico*, *Arquipélago dos Açores*, *Dia da Marinha 1937*, *Dia da Marinha 1938*, *Parada dos pescadores da Póvoa*, *Manifestação da Acção Católica em Braga*, *Benção dos barcos bacalhoeiros*, *Lançamento do lugre Brites*, *Exercícios finais dos Graduados da Legião Portuguesa do Núcleo de Cavalaria 2*, *Dia da Mocidade*, *Provas internacionais de remo na Figueira da Foz*, *Congresso internacional dos bombeiros em Espinho*, *Homenagem a Mouzinho de Albuquerque*, *Parada de vanguardistas*, *Festas escolares em Setúbal*, *Inauguração das obras do porto de Setúbal*, *1º de Dezembro de 1934*, *Praia da Nazaré*, *Cheias do Tejo em Constância*, *Chegada dos aviadores do cruzeiro aéreo às colónias*, *Inauguração da linha aérea Lisboa-Londres*, *Entrega do contratorpedeiro Douro*, *Chegada do cruzador Nuhrenberg*, *Escola de ginástica no Destacamento da Penha de França*, *Exercícios do Batalhão nº 10 da Legião Portuguesa na Marinha*.

além dos apontamentos relativos às Festas do Trabalho e sobre as realizações do regime. O filme sobre a reunião da Acção Católica é o único de temática religiosa e, embora filmado pelo melhor director de fotografia disponível, o Secretariado não considerou o acontecimento tão importante a ponto de investir na captação de som. Para avaliar os custos de uma curta-metragem com ou sem som, considere-se o plano de “filmes a realizar pelo SNP”, delineado por Ferro em 1935. Este previa a realização de filmes sonoros de curta-metragem – entre 150 a 200 metros – que documentariam a obra do Estado Novo. O custo previsto de cada filme era de 8375 escudos, ganhando o operador 500 escudos e o realizador, 2 contos. Além destas despesas, com pessoal, o orçamento contemplou 4 contos para a sonorização de 200 metros de filme (20\$ metro), 900 escudos por 250 metros de negativo pancromático, 325 escudos por 250 metros de negativo som e 650 escudos por revelação de 500 metros de filme.

Quanto aos filmes sonoros, quase todos feitos posteriormente, nota-se menor aposta nos filmes de paisagem ou folclore, cuja produção foi iniciada em articulação com a mobilidade dada ao Cinema do Povo. Além da longa-metragem ficcional *A revolução de Maio*, são 26 os documentários sonoros, sendo que só seis deles têm mais de 300 metros de película. Os filmes de propaganda política explícita e outros de temática militar ou paramilitar, além das actualidades cinematográficas de propaganda, coexistem com filmes de “vistas” relativos a monumentos ou paisagens e filmes relativos a folclore.¹⁰

No contexto desta produção, a realização de *A Manifestação da Acção Católica em Braga* é quase insólita quando se constata que não foi feito qualquer outro filme de temática religiosa. O *Jornal português* incluiu o registo de vários Te-Deum e cerimónias religiosas importantes mas a produção desta actualidade deveu-se, certamente, ao cuidado com que foi organizada e aos milhares de jovens que envolveu. Além disso, sucedeu numa fase em que procurou organizar a adesão dos jovens à nova ordem, não podendo ser subestimada a importância do Cardeal Cerejeira quanto a isso. A Acção Católica foi criada por ele, em 1933, o ano em que foi publicada a Constituição do Estado Novo. A sua amizade com Salazar era antiga e convergia também no sentido da partilha, por ambos, de ideias relativas à ordem e a um Estado forte – leia-se autoritário. Segundo o testemunho de Sidónio de Freitas Branco Paes (1925-2006), melómano e cinéfilo:¹¹

10. São eles: *Lançamento do Dão*, filme Presidente Carmona (sem título especificado), *Abertura da Assembleia Nacional*, *Torre de Belém*, *A ilha verde – Açores*, *Pérola do Atlântico*, *Desfile da Legião e da Mocidade*, *Ranchos de Marco de Canavezes e de Amarante*, *Ranchos de Penafiel e de Matosinhos*, *Ranchos de Braga*, *Praia da Apúlia e Esposende*, *Visita da Sagres ao Brasil*, *Fandango*, *Arquipélago dos Açores*, *Um passeio na Beira Baixa*, *Mocidade Portuguesa*, *Caramulo*, *Pauliteiros de Miranda*, *28 de Maio de 1938*, *Dia da Marinha de 1939*, *Chegada de S. Ex^a o Presidente da República da viagem a África*, além das edições 1 a 6 do *Jornal português*. Fundo SNI, caixa 888.

11. Testemunho inédito, consultado em linha, a 17 de Julho de 2020: <http://entreostextosdamemoria.blogspot.com/2007/08/x.html>.

Em Portugal, depois da hostilização de intelectuais e políticos do fim da Monarquia, e das reformas e perseguições após a proclamação da República, iniciara-se o revigoramento da Igreja. A figura central desse movimento era, sem dúvida, o Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, secundado por um número crescente de bispos e sacerdotes; mas nessa obra também participavam cristãos leigos, formados e activos em diversas instituições fundadas sobretudo desde o início do século, como o *Centro Académico de Democracia Cristã* (CADC, fundado em 1901, cujo nome era bem significativo das tendências ideológicas de então), a *Liga da Acção Social Cristã* (obra feminina criada em 1902, que toma este nome em 1907), a *Juventude Católica Lisbonense* (1908), a *Federação das Juventudes Católicas Portuguesas* (1913), o *Centro Católico Português* (1919, com o objectivo de defesa legal dos direitos da Igreja), o *Corpo Nacional de Escutas* (1923), a *Juventude Católica Feminina* (1924), a *Associação dos Médicos Católicos*, a *Associação dos Jurisconsultos Católicos*, os *Círculos Católicos Operários* (activos em várias dioceses); e obras de piedade, caridade e beneficência vindas em geral do estrangeiro desde meados do século XIX, como o *Apostolado da Oração* (1864), as *Conferências de S. Vicente de Paulo* (1884), a *União Noelista Portuguesa* (1913), a *Obra de Protecção às Raparigas* (1916).

Branco Paes refere que a igreja se sentia ameaçada pelas correntes de ideais agnósticas. Segundo a fórmula forjada em 1931 pelo Papa Pio XI, que criou o conceito de Acção Católica, visava “a participação dos leigos católicos no apostolado hierárquico, para defesa dos princípios religiosos e morais, para o desenvolvimento dumã e benéfica acção social, sob a direcção da Hierarquia Eclesiástica, fora e acima dos partidos políticos, no intento de restaurar a vida católica na família e na sociedade”. De acordo com Branco Paes, seguiu os modelos italiano e belga de organização como estrutura unitária e moderna. Como tal “define-se como movimento de massas e recorre às técnicas e aos meios de propaganda então usados na sociedade civil”. O mesmo autor sustenta que foi criada como um exército de “reconquista cristã” tendo como fim restaurar o poder da igreja na sociedade portuguesa e promover a “recristianização”. Este descendente dos compositores Luís e Pedro de Freitas Branco comenta o hino da Acção Católica afirmando que a música “lembrava *A Marselhesa*, mas transposta para o modo menor, o que lhe conferia um toque de fado”. Sustenta ainda que a letra “estava repassada de um inequívoco espírito militarista, patriótico e triunfalista”. Os versos que se cantavam em todas as cerimónias públicas atestavam-no:

Abram alas, terra em fora,
 Por entre frémios de luz.
 Deus nos chama é nossa a hora,
 Alerta pela Cruz!
 Almas bravas de soldados,

[...]

Quem avança a conquistar troféus
Luta por bem da Grei
Lutai a cantar, de olhar em Deus,
Batalhões de Cristo-Rei!

Também o Cardeal Patriarca de Lisboa, Manuel Gonçalves Cerejeira, após ter conhecimento da carta doutrinária de Pio XI, falava assim:

Trata-se de levantar em toda a parte o exército de Deus. Unir, organizar e mobilizar todos os que acreditam que Deus falou por Cristo e Cristo fala pela Igreja aos homens – a fim de estender no mundo o reinado social de Nosso Senhor. Esta união militante forma-se em volta dos báculos pastorais dos Chefes escolhidos por Cristo: os Bispos. [...]
Exército apostólico para quê? Para tomar a ofensiva da reconquista cristã. Desde há séculos os católicos, na sua grande massa, se têm limitado à defensiva, perdendo terreno. A Renascença laicizou a cultura; a Revolução, o Estado e a sociedade. Hoje é a laicização total do indivíduo que de diversas formas se pretende e tenta.

O êxito da Acção Católica – e desta iniciativa em particular – contrastou com o insucesso da Acção Escolar Vanguarda. Esta organização juvenil de cariz fascista, antecessora da Mocidade Portuguesa, foi apresentada pela primeira vez em 28 de Janeiro de 1934, no Teatro S. Carlos, com discursos de António Ferro e de Salazar. Anti-comunista e crítica do capitalismo, publicou textos de cariz antissemita no seu jornal. Não obstante ter participado em vários desfiles, em 1934, não logrou afirmar-se e, em 1936, foi substituída pela Mocidade Portuguesa. Um dos filmes de propaganda, *Parada dos vanguardistas* (1934) – também creditado como *Os vanguardistas na parada do ano VIII da revolução nacional* – com realização de Arnaldo Coimbra, mostra o seu desfile, na Avenida da Liberdade, em Lisboa. No filme, que regista também o desfile de forças militares – incluindo uma companhia de soldados africanos –, veem-se os vanguardistas, rapazes e raparigas, a saudar “romanamente o Governo da Revolução”.

Foi também “romanamente” que os 12 mil jovens que estiveram em Braga, a 6 de Junho de 1937, saudaram na “imponente manifestação de fé e patriotismo” que ocorreu na Praça do Conde de Agrolongo. Esta Praça acolheu os dois eventos mais importantes do dia: a missa campal e o coro falado. Não obstante a animação e desfile por Braga, Salazar Diniz concentrou as filmagens na Praça – a sua mobilidade, com o equipamento de filmagem, deveria ser bastante reduzida.

Embora o título sugira que se tratou de um evento único, *A Manifestação da Acção Católica em Braga* tomou conta das ruas de toda a cidade, incluindo desfile dos jovens, mas concentrou os dois principais eventos na praça onde Salazar Diniz fez as

filmagens. Começou com a missa campal, a que assistiram pessoas de todas as condições sociais. Segundo os intertítulos iniciais do filme – que incluíram elementos estéticos mais cuidados do que o habitual – a missa campal foi celebrada pelo arcebispo primaz que “aconselhou aos milhares de crianças ali reunidas, a fé, a piedade, o estudo, o exemplo e a boa acção. No final foram erguidas entusiásticas aclamações a Portugal”.

O documentário inicia-se com uma panorâmica da multidão, revelando que esta está, em geral, vestida a rigor – mostrando rapazes em camisa e gravata – ou fardada. Após várias panorâmicas, o primeiro plano mais fechado é de mulheres jovens, as quais estão quase sempre de cabeça coberta, sendo que algumas delas vestem trajés regionais minhotos. As imagens mostram-nas a ler o livro de orações, o que é notável dado o elevado grau de analfabetismo de então, maior ainda entre mulheres, e depois a fazer a saudação inspirada na romana. Diniz fixou vários planos das jovens antes de incluir um plano médio de uma figura proeminente da igreja. Pouco depois, um legionário entra no plano. A câmara fixa novo plano de jovens com a cabeça coberta. Seguem-se imagens de meninas fardadas à marinheira e outras com trajés regionais.

Esta sequência traduz, de modo directo e sem artificios, a ordem que então se impunha e que o “Dia das Juventudes” celebrava. Era a de uma sociedade em que cada um se mantinha no seu lugar observando códigos de conduta e disciplina ajustados: as mulheres recatadas e modestas, independentemente da sua origem social, em lugar subalterno aos homens que conduziam a vida material e espiritual numa comunidade em que a paramilitarização era efectiva, apenas subordinada à igreja católica, responsável por inculcar os valores da ordem e moral que a Primeira República tinha feito ruir, segundo a narrativa vigente, bem expressa nas publicações da imprensa da época e que o revisionismo histórico pelo Estado Novo afirmou. Por sua vez, a igreja católica articulava com o poder político, que era crente e observava os desígnios cristãos, mas era dominante em todos os aspectos da administração pública, regulando a vida na terra. Tal era fundamental para proteger os cidadãos crentes do que estava a suceder no país vizinho, em guerra civil. A imprensa local da época não o deixa esquecer e nas primeiras páginas integra tanto o destaque dado à comemoração do “Dia das Juventudes” como notícias sobre a guerra em Espanha, denotando, sem qualquer objectividade, uma posição pró-revoltosos e contra os republicanos, caracterizados como anarquistas e comunistas desordeiros, sem a legitimidade para o exercício do poder.

O documentário prossegue com o registo da chegada à praça do desfile de rapazes com estandartes religiosos – sob fundo branco, uma cruz de Cristo estilizada de um modo que lhe dá a aparência de suástica. Chegam, de seguida, rapazes mais novos, dos escuteiros. Mostram-se rapazes e raparigas não fardados, mas com bandeiras, em pé. Desfilam, algo desordenadamente, perante a tribuna. Há algumas dezenas de pessoas com estandartes aglomeradas em frente ao Asilo de Mendicidade Conde de

Agrolongo, onde, nas varandas, há algum público privilegiado, que surge em contrapicado. Todos parecem escutar alguém que não se vê no plano. Diniz faz uma panorâmica da tribuna onde, no primeiro plano, está o aglomerado de padres e, acima destes, os jovens fardados com estandartes que abriam o desfile. Uma enorme bandeira com a cruz de Cristo é hasteada no que é um dos momentos-chave do evento, antecipado pelos jornais como chamariz para o público geral que foi informado que a parte central da praça estava reservada para os jocistas.

Chega então o arcebispo primaz, com a comitiva. Sobe escadas para a tribuna montada frente ao asilo. A tribuna é relativamente ascética, armada com um panejamento escuro e decorada com muitas flores. De junto do público, com distanciamento, Diniz faz uma panorâmica a mostrar a tribuna defronte do asilo com as janelas decoradas com colchas, assim como a zona reservada aos padres e jovens com estandartes. Esta é complementada com nova panorâmica, mas da multidão, filmada de outro lado da praça. Veem-se miúdos a ler os missais. Seguem-se planos de jovens mulheres – umas com uniformes; outras com trajes típicos – a ler e rezar. Plano mais aproximado da tribuna mostra que esta tem ao centro um cruxifixo com Cristo. Esta sequência é provavelmente a que documenta o coro falado e o arcebispo primaz, filmado em contrapicado, também lê. A multidão é mostrada em contrapicado. Segue-se novo plano, em contrapicado, do arcebispo. Jovens com trajes minhotos rezam ajoelhadas. Segue-se uma panorâmica das crianças a saudar. Fazem-no ordenadamente, obedecendo a jovens mais velhos, que comandam as leituras dos textos e coreografam. Segue-se um plano de homens adultos, também a fazer a saudação. Note-se que o director de fotografia regista quase sempre as mulheres e jovens a rezar e quase sempre filma os homens e miúdos a saudar. Nesta oração colectiva, as meninas com farda à marinheira recitam as instruções que têm na mão – muitas distraem-se a olhar para a câmara (tal repete-se muitas vezes ao longo do filme). Quase a fechar, raparigas vestidas de maneira mais pobre fazem a saudação, de modo frouxo.

O filme *A Manifestação da Acção Católica em Braga* foi exibido em sessões de propaganda do SPN/SNI. Não obstante ser mudo, dez anos depois continuava a ser mostrado. Em Fevereiro de 1947, um programa de filmes cedidos ao Padre José Manuel Guerreiro, de Cabeção, incluiu: *A segunda viagem triunfal*, *A Manifestação da Acção Católica em Braga* e *Jornal português*, sem especificar que edição das actualidades de propaganda foi escolhida. O critério da programação foi unicamente o de que fossem filmes de propaganda. Não houve qualquer preocupação com a actualidade dos mesmos se atendermos às datas dos dois primeiros e ponderarmos isso com o facto do filme sobre a manifestação da Acção Católica ser mudo.

Uma análise da programação do Cinema Ambulante do SPN/SNI revela que, não obstante o investimento feito neste filme, ele não foi exibido tanto quanto o foram outras actualidades do Secretariado. O facto de ser mudo, o surgimento do *Jornal português* em 1938 e que implicou a sua programação preferencial, e mesmo o não

ter como protagonistas as figuras carismáticas do Estado Novo – Carmona, Salazar ou mesmo Cerejeira – terá ditado que não tivesse uma circulação tão significativa quanto a de outros títulos.

Porém, a aposta feita na sua produção revela que o Secretariado da Propaganda esteve atento a todos os aspectos da vida nacional em que a ordem fosse priorizada. Ferro participou, com Salazar, na apresentação, mal-sucedida, dos Vanguardistas. Não deixou também de estar atento ao movimento de “reconquista cristã” que teve, em Braga, uma grande manifestação”, um ano após a filmagem do discurso de Salazar na mesma cidade, assinalando o décimo aniversário da nova ordem. Fosse política ou religiosa, organizada e filmada com mais ou menos meios, esta submeteu-se ao que Walter Benjamin chamou “estetização da política” que, neste caso, foi também “estetização da religião”. A paramilitarização de todos os aspectos da vida social teve impacto na dimensão espiritual documentada, nesta actualidade filmada por Salazar Diniz, pela hibridiz estético – com o alinhamento das “massas”, o gosto pelos desfiles de estandartes estilizados e a saudação inspirada na romana.

Referências bibliográficas

- Bordalo, S. (2013). *Triunfos e contradições da vontade. Para uma releitura de Lopes Ribeiro e Leitão de Barros no contexto do cinema de propaganda*. Tese de doutoramento não publicada, Universidade de Lisboa.
- Bordalo, S. (1948). *Catorze anos de política do espírito – Apontamentos para uma exposição*. Lisboa: SNI. 1948.
- Bordalo, S. (1928). *Cine n° 2* (Julho). A Cine-Brigada Portuguesa, p. 29.
- Bordalo, S. (1938). *Cinéfilo*, n° 489 (Janeiro).
- Bordalo, S. (1943). *Dez anos de política do espírito*. Secretariado da Propaganda Nacional.
- Ferro, A. (1935). *A política do espírito e os prémios literários do SPN*. Secretariado da Propaganda Nacional.
- Ferro, A. (1950). *Teatro e Cinema (1936-1949)*. Secretariado Nacional da Informação.
- Matos-Cruz, J.(1983a). *António Lopes Ribeiro*. Cinemateca Portuguesa.
- Matos-Cruz, J. (1983b). *Prontuário do cinema português*. Cinemateca Portuguesa.
- Matos-Cruz, J. (1999). *O cais do olhar*. Cinemateca Portuguesa.
- Paes, S. (2007, outubro 16). A Acção Católica em Portugal. Um testemunho. *Entre os textos da memória*. <http://entreostextosdamemoria.blogspot.com/2007/08/x.html>.

- Piçarra, M. (2006). *Salazar vai ao cinema. O “Jornal português” de actualidades filmadas*. Minerva.
- Piçarra, M. (2006). *Salazar vai ao cinema II. A “política do espírito” no “Jornal português”*. Drella Design.
- Piçarra, M. (2015). *Azuis ultramarinos. Propaganda colonial e censura no cinema do Estado Novo*. Edições 70.
- Piçarra, M. (2020). *Projectar a ordem. Cinema do Povo e propaganda salazarista 1935-1954*. OsPássaros.
- Pina, L. (1978). *Panorama do cinema português (das origens à actualidade)*. Terra Livre.